

## O EXÉRCITO E A EDUCAÇÃO

Cel Prof. do CMF e IDM — CE  
JOSE AURELIO SARAIVA CAMARA (\*)

No crepúsculo do Brasil Imperial plantava-se em Fortaleza a primeira escola de formação militar que aqui funcionou — a velha Escola Militar do Ceará, que viveu de 1839 a 1897 e que dividiu sua pousada entre este edifício e o atual QG da 10ª Região, na parte fronteira ao Passeio Público.

Em 1919 era criado o Colégio Militar do Ceará, extinto em 1938 após prestar ao Estado e ao País soma enorme de serviços relevantes.

Quatro anos após sua extinção renascia êle sob a forma de uma Escola Preparatória de Cadetes, que também prestou 20 anos de inolvidáveis serviços ao Exército e à Pátria, sendo substituída, em 1962, pelo atual Colégio Militar.

Todos sediados no mesmo local, servindo aos mesmos ideais, disseminando as mesmas esperanças, unindo o livro ao sabre sem que um corasse do outro como proclamavam os versos famosos do condoreiro poeta.

Fatores humanos de primeira ordem ainda mais concorreriam para unificá-los.

O General Eudoro Corrêa, que do Colégio Militar do Ceará seria o comandante de mais longa e atuante passagem, foi aluno da nossa antiga Escola Militar e se constituiu num traço positivo de ligação entre aquela casa de ensino desaparecida e a que viria sucedê-la.

Os Coronéis Vitor Hugo de Alencar Cabral, Mário de Barros Cavalcante e Raimundo Teles Pinheiro foram ex-alunos do Colégio

---

(\*) **NOTA DA REDAÇÃO** — JOSE AURELIO SARAIVA CAMARA: Oriundo da Arma de Artilharia, ingressou posteriormente no Magistério do Exército. Engenheiro Civil, tem ocupado vários cargos de destaque na vida pública cearense e também no magistério superior. Historiador de renome, com várias obras publicadas, obteve o Prêmio Otávio Tarquino de Souza da Livraria José Olympio Editora pelo seu livro "Capistrano de Abreu", que também lhe valeu o prêmio cultural Capistrano de Abreu da Universidade Federal do Ceará. Professor do Colégio Militar de Fortaleza, membro do Instituto dos Docentes Militares — Seção do Ceará, do Instituto do Ceará e do Instituto do Nordeste, possui as Medalhas Militar de Prata, do Pacificador e do Mérito Cultural da Universidade Federal do Ceará.

Militar que viriam comandar a Escola Preparatória de Cadetes, devendo-se assinalar que o último ainda comandou o nascente Colégio Militar de Fortaleza.

E no comando dêste já se fizeram presentes dois ex-alunos do saudoso Colégio extinto em 1938: os Coronéis Petronio Maia Vieira do Nascimento e Sá e Haroldo Erichsen da Fonseca.

Mas não é só na galeria dos comandos que se estabelecem vínculos tão significativos.

Na área do magistério ela se afirma de modo ainda mais eloquente. Foram ex-alunos do antigo Colégio Militar vários dos professores militares, quer da Escola Preparatória, quer do atual Colégio, onde também já lecionam ex-alunos daquela Escola.

Ao mencionar êstes fatos, não desejo compor uma perspectiva sentimental que seria cara e justificável aos olhos de um ex-aluno e atual professor desta Casa. Trata-se, na verdade, de fato rico de significação, pois êste recobrimento de homens e de idéias, projetado na dimensão do tempo, assegura mais que a continuidade de objetivos e de ideais, — assegura, sobretudo, uma unidade de ação que na área do ensino militar se constitui em tradição a ser mantida e cultuada.

A quem quer que se detenha neste capítulo expressivo da história militar cearense, que é a presença em nossa terra, nestes últimos 80 anos, de quatro estabelecimentos militares de ensino, de cujas tradições e realizações é hoje êste Colégio o herdeiro e continuador, a quem quer que se detenha nesta análise ressaltará que um espírito comum os une e identifica, e que na realidade se apresentam como as quatro faces de um mesmo tetraedro que é a atividade educacional militar no Ceará.

Há um aspecto que me parece digno de menção na história destas casas de formação militar que aqui sediaram — é o fato de elas, na sua maioria, se ligarem a páginas significativas da História Nacional, notadamente da nossa História Militar, através de homens e fatos que lhe dizem respeito.

Recordariamos, por exemplo, que o primeiro comandante da Escola Militar do Ceará foi o Tenente-Coronel de Artilharia João Nepomuceno de Medeiros Mallet, mais tarde Marechal do Exército e Ministro da Guerra do governo Campos Salles.

Era filho do Marechal Emílio Mallet, Barão de Itapevi, o admirável patrono da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro, o heróico comandante desta Arma na batalha de Tuiuti e fator decisivo do nosso triunfo naquela formidável peleja.

Como 2º Tenente, o jovem João Nepomuceno lutou durante toda a batalha ao lado do ilustre pai, temperando o seu entusiasmo e a sua coragem no magnífico exemplo da bravura paterna.

Orgulha-nos saber, assim, que esta Casa, no seu passado, foi comandada por alguém que participou decisivamente de uma batalha que é a maior página de glória da história militar brasileira

Outro comandante da mesma Escola seria o Tenente-Coronel Siqueira de Menezes, figura quase legendária, o "jagunço louro" de Canudos, imortalizado por Euclides da Cunha nas páginas memoráveis de *Os Sertões*.

Também digno de nota é o fato de toda a Escola Militar do Ceará haver embarcado para o Rio para participar, como tropa de elite, muitas vezes sob o comando direto de Floriano e Moreira Cesar, da repressão aos fatos oriundos da revolta da Esquadra e do seu alastramento no sul do país.

Aqui mesmo, foi grande a participação dos oficiais e cadetes daquela Escola na proclamação da República no Ceará e na agitação político-militar que se seguiu à renúncia de Deodoro, em 1891, e de que resultaria a deposição do presidente Clarindo de Queiroz.

Dos professores e oficiais da Escola é que saíram os novos dirigentes da administração estadual até a completa moralização daqueles fatos.

Muitos dos seus ex-alunos galgaram postos de relêvo no Exército, onde alguns atingiram o generalato.

Do antigo Colégio Militar, cujo cinquentenário de fundação decorreu no dia 1º de junho de 1969, é numeroso o contingente de generais, almirantes e brigadeiros que dêle proveio, e bem maior o número dos que, sem galgar o posto último da carreira, atingiram o oficialato das três armas.

Ainda para a vida pública nacional saíram daquele Colégio alunos que seriam governadores, secretários de estado, senadores e deputados, e pelo menos quatro ministros de estado se encontram entre ex-alunos e ex-professores daquele estabelecimento.

Da Escola Preparatória de Cadetes é grande a contribuição que se pode constatar no quadro de oficiais das Forças Armadas, principalmente do Exército, onde muitos já são oficiais superiores.

E oriundos do atual Colégio Militar já começaram a deixar a Academia Militar os primeiros a atingir as estrélas do oficialato.

\* \* \*

O retrospecto da atividade desenvolvida no Ceará pelos estabelecimentos militares de ensino que aqui sediaram, e de cujas tradições é detentor o Colégio cujas aulas se reiniciam hoje com as galas de promissoras esperanças, este retrospecto nos revela, como espero haver demonstrado, que tanto a antiga Escola Militar do Ceará, como a Escola Preparatória de Cadetes e os dois Colégios

Militares, que lhes sucederam bem cumpriram a missão que lhes foi apontada.

Essas atividades que lhes impôs o Exército foram e continuam sendo bem cumpridas dentro dos objetivos da natureza militar que lhes são próprios.

O recrutamento e a formação inicial de elementos para o oficialato das Forças Armadas, processou-se com êxito. O conceito que o Exército deve corretamente possuir no julgamento da coletividade foi aqui propagado e forjado na opinião pública à base de manifestações positivas de trabalho profissional e intelectual. Podemos assegurar-nos de que a imagem do esforço construtivo e patriótico das Forças Armadas ficou bem estereotipado em nosso meio através da atuação das casas de ensino militar que, desde 1889, se alteiam na paisagem educacional do Ceará.

Não é esse, entretanto, o aspecto que desejo ressaltar neste relembrar de fatos que são já patrimônio da nossa história.

O cumprimento daquelas missões de natureza estritamente militar, é ponto pacífico, reconhecido e proclamado por todos que se alonguem no inventário das décadas de fecunda atividade desses estabelecimentos de ensino.

O que desejo caracterizar — e aqui vou buscar o tema desta minha desprezível palestra —, é a importância do Colégio Militar como fator educacional, é a contribuição altamente expressiva, valiosa e de incomparável utilidade que aqui foi dada em prol do ensino no Ceará e no Nordeste.

Esqueço as implicações militares do problema para enfocá-lo sob o aspecto exclusivo da atividade que os organismos de ensino que aqui se abrigaram sob nomes diversos, fizeram, estão fazendo ou poderão fazer pela educação nacional numa área do País que dela necessita com indistigável urgência.

Ao contrário do que se poderia, com certa razão pensar, os esforços que aqueles estabelecimentos realizaram no setor do ensino não resultaram em benefícios exclusivos, nem mesmo predominantes, para as Forças Armadas.

Aqui sempre se educou mais para o Brasil que para a caserna.

No ativo dos incontáveis serviços que o Exército tem prestado à Nação, dever-se-ão incluir com justiça aqueles que foram aqui realizados.

Para as faculdades e academias de outrora, para as Universidades do presente, para as múltiplas atividades da vida civil, foi bem grande o número dos que daqui saíram e não apenas para ingressarem no oficialato das Forças Armadas, como seria justo admitir.

Médicos, engenheiros, agrônomos, bacharéis em direito, diplomatas, sacerdotes, odontólogos e farmacêuticos, economistas e qui-

micos, jornalistas, comerciantes e industriais se contam entre os que nesta casa receberam, em letras e em civismo, uma educação que os capacitou a ser úteis ao Brasil e a vencerem na vida.

Um levantamento do avultado coeficiente de cidadãos que aqui travaram os primeiros contatos com os princípios fundamentais da ordem e da disciplina, com a noção de Pátria e dos deveres que para com ela temos todos nós, com o estudo racional e exigente, esse levantamento revelaria como foi grande a contribuição que aqui dentro se tem dado à educação nacional.

Essa contribuição que ultrapassou muitas vezes a sistemática dos bancos escolares para situar-se em plano cultural mais amplo, destacava-se já com eloquência nas atividades intelectuais, que na acanhada Fortaleza dos fins do século passado, desenvolveu o corpo discente da velha Escola Militar do Ceará.

Vivia-se, então, aquele capítulo característico da história das idéias no Brasil, capítulo que eu gostaria de denominar de político-religioso, quando o positivismo, bifurcando-se nas rotas da ideologia política e do credo religioso, vinha encontrar na mocidade idealista do Exército o campo fértil e quase exclusivo da sua propagação no meio nacional.

As seduções do livro predominavam sobre as da espada. Era a fase controversa dos bacharéis fardados, grandes leitores, amantes das matemáticas, dos livros franceses e da filosofia de Augusto Comte.

Não se enclausuravam no seu saber; gostavam de extravasá-lo e transferi-lo.

Ai estão os livros e documentos, ai está a imprensa da época revelando com elogios o impulso intelectual que, na sociedade fortalezense de então, desenvolveram os cadetes da velha Escola, fundando revistas e grêmios literários, proferindo conferências e escrevendo nos jornais, estabelecendo polémicas e ativando um movimento cultural que marcou época na paisagem cearense daquele fim de século.

Foi numeroso o contingente dos que não seguiram a profissão militar, que aqui se deixaram ficar, alguns mesmo oriundos de outros Estados, e que para as profissões liberais e outras atividades valeram-se com êxito dos conhecimentos adquiridos nos bancos daquela Escola Militar.

Foi igualmente expressiva, e mais fecunda ainda, a atuação do Colégio Militar, de 1919 a 1938.

Seu simples funcionamento na capital cearense, há meio século, já se constituía em poderoso fator de emulação no progresso do ensino estadual.

Com um corpo docente categorizado, recrutado por concurso e, quando necessário, completado com rigoroso critério, logo exerceu evidente atração nas camadas que palmilhavam a senda do ensino.

Era fato comum nas duas primeiras décadas da sua existência, serem seus professores e oficiais solicitados para examinar em colégios oficiais ou particulares do Estado, considerados que eram suas presenças um certificado de idoneidade moral e intelectual no processamento dos exames.

A educação física obrigatória, o rigor na explanação e ordenação das matérias lecionadas, o emprêgo de modernos equipamentos de laboratório, o uso de eficazes técnicas de ensino, a obrigatoriedade da cadeira de Instrução Moral e Cívica — agora introduzida nos currículos escolares quando já a tínhamos aqui há 50 anos —, são aspectos positivos do pioneirismo que, em nosso meio, desenvolveu o Colégio Militar em seu campo de ação.

A subordinação consciente aos princípios da ordem e da disciplina, a devoção ao estudo, o destaque que habitualmente adquiriam nos cursos superiores os alunos oriundos do Colégio, são características que se transmitiram, como a parte mais saudável da sua tradição, ao atual Colégio Militar que, com apenas sete anos, é a encarnação mais nova do idealismo cívico, da operosidade, da eficiência educacional que são atributos caracterizadores dos estabelecimentos que o antecederam.

O atual Colégio Militar de Fortaleza, podemos afirmar sem jactância, vem cumprindo bem o que dele exigem o Exército e a Nação.

Sob o aspecto do ensino, — embora seja hoje o ensino um dos mais complexos problemas nacionais —, tem assegurado êxito aos que daqui têm saído em demanda dos vestibulares. No Ceará e fora dele — e tivemos este ano brilhantes exemplos aqui e no Rio de Janeiro — concludentes deste Colégio têm galgado posição de destaque no ingresso nas Universidades.

Quando a agitação estudantil levava às ruas centenas e milhares de estudantes, em protestos que eram às vezes justos mas condenáveis e inadmissíveis na maneira como se processavam, quando as salas de aula aí fora permaneciam fechadas à inútil espera dos alunos que desejavam estudar nas Universidades mas não desejavam estudar para os vestibulares, quando isso acontecia, nunca esta Casa alterou seu ritmo de trabalho, a normalidade das suas aulas era absoluta, e orgulhava-nos a certeza de que os estudantes de gola vermelha não participavam da baderna nem se deixavam guiar pelos caminhos que não são os que conduzem à grandeza do Brasil.

E é necessário que se ressalte, como consideração relevante no trato do assunto, que os universitários oriundos do Colégio Militar revelaram-se, na sua prática totalidade, focos admiráveis de resistência à agitação e à desordem que até há pouco se vinha tentando implantar nas universidades como norma habitual de ação.

Conheço casos concretos. E a atitude desses jovens, blindados contra a indisciplina e a irracionalidade pela educação que aqui receberam, já representa uma larga justificativa para a presença dos Colégios Militares na área do ensino brasileiro.

Encontram-se, assim, estes estabelecimentos, na atual conjuntura, em condições de prestar maior soma de serviços ao meio civil que às Forças Armadas, porque não apenas fornecem excelentes e bem orientados contingentes às profissões liberais e demais atividades civis, como inocula-lhes um fator de imunização contra a agitação deletéria e improdutiva.

Estatística por nós realizada à base de dados do Arquivo do Exército, dados infelizmente incompletos mas que nos permitem uma razoável aproximação nos coeficientes obtidos, situa em cerca de 1.350 e o número de matrículas efetuadas na Escola Militar do Ceará, de 1889 a 1897, dos quais aproximadamente 400 seguiam a carreira militar.

No Colégio Militar do Ceará, de 1919 a 1938, matricularam-se cerca de 1.500, dos quais 600 apenas fizeram carreira no Exército, Marinha e Aeronáutica.

1.928 alunos concluíram o curso da Escola Preparatória de Fortaleza.

Destes cerca de 1.500 se tornaram oficiais, mas o número de matrículas, durante toda a existência da Escola, é da ordem de 2.300.

No atual Colégio Militar, concluíram o curso 105 alunos, mas somente 43 seguiram a profissão das armas.

Esses dados revelam que menos de 50% dos que estudaram nos estabelecimentos de ensino que o Exército vem mantendo no Ceará tiveram uma destinação militar. O maior número situa-se no campo das atividades civis.

E se considerarmos exclusivamente os índices relativos aos dois Colégios Militares, não atinge, sequer, a 35% o número dos que deles saíram para a carreira militar.

Embora a grande maioria dos que concluíram o curso nos três primeiros estabelecimentos se encaminhassem preferentemente para o oficialato do Exército, Marinha e Aeronáutica, fato que se não tem verificado com o atual Colégio, onde esse número atinge apenas 41% do total, não podemos deixar de considerar que, além daqueles que ingressaram nas faculdades, é bem grande a taxa dos que, mesmo não tendo concluído o currículo escolar, cursaram-no em boa parte e dele se beneficiaram para o prosseguimento do curso médio ou como valioso subsídio para o êxito na vida prática.

O capital em homens e recursos financeiros, — e ele não é pequeno —, que o Ministério da Guerra no passado e o do Exército no

presente tem investido no setor do ensino, tem levado alguns exegetas apressados, vários dos quais se situam nas próprias Forças Armadas, à conclusão de que a permanência dos Colégios Militares resulta para aquele Ministério em ônus injustificável, além de constituir uma formação dos seus objetivos específicos.

Não deve caber ao Exército, argumentam eles, atuar numa área que deve ser da competência exclusiva do Ministério da Educação.

Situamo-nos entre aqueles que encaram o problema de modo absolutamente diverso e temos a coragem de proclamar alto e bom som que só uma análise restrita e superficial dos fatos levaria àquela conclusão.

Antes de mais nada é necessário colocar o problema em termos mais altos que a simples consideração do aspecto financeiro.

Mesmo sob este aspecto a análise nos conduziria a uma tática aprovação desta conduta tradicional, pois se há um princípio universalmente consagrado no mundo contemporâneo é o do que nenhum investimento é mais útil e produtivo que o investimento em educação.

Em livro recente, traduzido sob o título de *Educação e Desenvolvimento Econômico*, o economista e educador Charles Beely, diretor da programação educacional da UNESCO para o biênio 66/67, escrevia estas palavras que comportam, no Brasil, ressonância especial: "O fato de que a educação não é apenas uma forma de consumo mas um investimento nacional, não é uma descoberta nova. Contudo, somente quando o crescimento da tecnologia no mundo de pós-guerra revelou a insuficiência dos nossos próprios sistemas educacionais, e a situação dos países emergentes mostrou sua trágica ausência de homens instruídos, é que a relação econômica entre o sistema educacional e a comunidade que ele serve tornou-se dramaticamente evidente".

A correlação entre educação e desenvolvimento econômico é hoje um truismo, uma dessas gritantes verdades do nosso tempo, que dispensa alinhamento de dados e comprovações estatísticas.

Os países desenvolvidos, de alta renda *per capita*, são aqueles onde a educação recebeu atenção condigna, e nêles o mercado de trabalho ultrapassa 60% de sua população e a taxa de desenvolvimento atinge os índices mais elevados.

Num dos maiores *best-sellers* dos últimos tempos, o famoso *O Desafio Americano* de Servan-Schreiber, encontra-se uma in formação decisiva usada pelo autor para explicar a diferença fundamental entre o desenvolvimento da Europa e o dos Estados Unidos, o fôssco existente entre eles num mundo que fundamenta seu progresso na ciência e na tecnologia.

"Na Inglaterra, França, Alemanha e Itália, escreve o autor, 90% dos jovens de 13 a 14 anos freqüentam escola. Mas depois de 15 anos apenas 20% prosseguem nos seus estudos. É de 6 a 15% o índice de estudantes que freqüentam universidade.

Nos Estados Unidos 99% da população naquela idade são estudantes, o que equivale a dizer que quem está em idade de estudar estuda. E além de 15 anos, 45% prosseguem seus cursos para o ingresso no curso superior. Há ali 4 milhões de estudantes universitários, o que representa mais de 40% da população em idade de freqüentar uma universidade".

Conclui-se, portanto, que enquanto na Europa Ocidental a porcentagem dos universitários varia entre 6 e 15% da população, na faixa de idade para universidade, nos Estados Unidos este índice é de 40%.

Fato contrastador e deprimente resulta do confronto desses dados com a calamitosa realidade nacional onde a educação ainda é um privilégio de poucos e onde o analfabetismo ainda se avizinha da taxa de 50%, havendo regiões onde ela ultrapassa os 70%.

Com base em dados colhidos no Anuário do IBGE de 1967 relativamente a 1966, aos 40% da população americana em idade para freqüentar universidade e que a freqüentam de fato, apresentamos pouco mais de 1% da nossa população em idênticas condições.

O drama do nosso atraso educacional é talvez mais conhecido, divulgado e meditado no exterior que no Brasil.

De um discurso sobre a América Latina, pronunciado no Senado dos Estados Unidos pelo falecido Senador Robert Kennedy, discurso publicado em jornais do Sul do país, destacamos este trecho impressionante —:

"De 1.400 crianças brasileiras, 1.000 entram na primeira série da escola primária e 396 passam à segunda série. Destas, 169 terminam a 4ª série primária; 20 completam a escola média, 7 entram na universidade e talvez uma apenas conclua seu curso universitário. Assim, conclui Robert Kennedy, apenas uma entre 1.400 crianças brasileiras tem chance de receber um diploma de instrução de nível superior."

Considere-se que é o Brasil um dos países de população mais jovem do mundo, com 54% desta população abaixo de 19 anos de idade.

No complexo e agitado mundo que vivemos estes moços constituem uma geração com um encontro marcado com o Destino, para usar uma expressão de Franklin Roosevelt, geração que parece compreender melhor que seus dirigentes a importância do ensino no desenvolvimento nacional, pois o espetáculo marcante e típico da

nossa época é a permanência das filas às portas das escolas, desde a primária a superior à disputa de uma vaga com reduzidas probabilidades de atendimento.

O problema é de uma gravidade indisfarçável face à magnitude do seu desafio.

Basta que se recorde, por exemplo, que segundo dados do INEP de 1967, para atender em 1970 13,5 milhões de crianças de 7 a 11 anos e 4,5 milhões de 12 a 14 anos, serão necessários mais de 500.000 professores diplomados, cifra muito superior às reais possibilidades da atual estrutura educacional do País.

Essa comprovação salta ao olhos. Não precisamos recorrer às estatísticas; todos sabemos o quanto custa obter uma vaga num colégio de curso médio ou até do curso primário, às vészes mesmo com ajudadas pagas. Quando se trata de estabelecimento oficial gratuito, então, essa procura se transforma num teste de prestígio político, tamanhas são as dificuldades a transpor.

Um grupo escolar se situa a dois quarteirões deste Colégio, em rua próxima, apresenta no período do seu funcionamento um espetáculo constrangedor. Diariamente, ao cair da tarde, quando se abrem suas portas para o curso noturno, é imenso o aglomerado à sua entrada, espraiando-se ao longo da calçada fronteira. São os alunos que ficam à espera da abertura dos portões, porque embora estejam todos matriculados, somente os que primeiro entrarem conseguirão carteiras; os demais, de ambos os sexos, ou assistem às aulas em pé ou terão que sentar-se no chão para assisti-las.

Num país onde essas coisas acontecem em setor de tamanha importância, é fácil compreender que a solução deste problema requer uma concentração nacional de esforços, um dinamismo de ação que transcende da atuação exclusiva do setor respectivo.

Nenhum país subdesenvolvido conseguiu resolver o problema da educação e ingressar, com ele resolvido, na faixa dos desenvolvidos, agindo exclusivamente dentro da rotina administrativa.

Conforta-nos e orgulha-nos, portanto, que para a solução deste problema tenha o Exército, através dos seus estabelecimentos de ensino, trazido contribuição expressiva, valiosa e permanente.

Ela se justifica plenamente pelas graves implicações do problema; justifica-se ainda de modo especial quando sabemos que, no mundo contemporâneo, os conceitos de segurança, desenvolvimento e educação são profundamente interligados.

Se *desenvolvimento* é o nome novo da *segurança*, *educação* é o nome antigo de *desenvolvimento*.

O progresso da ciência e da técnica, possibilitando um amplo desenvolvimento das comunicações e dos transportes, tornou não apenas o mundo menor, tornou-o, sobretudo, melhor conhecido.

A humanidade começou a compreender, à base de conhecimentos e informações que insinuavam reflexões e confrontos, que os benefícios do progresso, como a preservação da saúde, a alimentação, o conforto e o bem-estar são conquistas que podem e devem estar ao alcance de todos e não permanecer como privilégio de alguns.

Não tardou, porém, que estas justas aspirações passassem a ser utilizadas em agitações e convulsões sociais por exploradores que, fossem homens, partidos ou nações, passaram a agir em proveito próprio, capitalizando o natural descontentamento e os anseios dos que imergem no atraso e na miséria.

O mundo viu-se repentinamente dividido em duas porções desiguais: a dos que vivem bem e a dos que vivem mal, ou melhor, a dos que têm o que defender e a dos que têm o que perder, sendo a segunda parcela maior que a primeira.

Uma luta surda nasceu e, sem cessar, passou a crescer, agravada pela explosão demográfica que é sempre maior onde maior é a miséria.

E como em tôdas as nações da Terra há grupos humanos em estágio de bem-estar e estágio de miséria, as fronteiras dessa luta se tornaram universais. A disputa tem o mesmo sentido, reveste-se da mesma agressividade e tem a mesma bandeira em países da Europa ou da Ásia, da África ou da América Latina.

Uma guerra de nôvo tipo surgiu assim no cenário da História.

Já se disse, com certa razão que hoje metade da humanidade não dorme porque tem fome, e a outra metade não dorme com medo da que passa fome.

Um credo nôvo — as teorias econômicas de Karl Marx — tornou-se a Bíblia dos milhões inconformados, e esta situação agravou-se extraordinariamente quando uma das nações geograficamente mais bem dotada do mundo, a Rússia, estabeleceu um regime fundado naquelas doutrinas e deu-lhes assim uma base político-geográfica de ação. Tornou-se a Rússia comunista o quartel-general dessa luta sem tréguas.

Não tardaria, porém, que fatos passados e presentes viessem demonstrar que para a Rússia essa situação de liderança e de formidável progresso econômico e militar iria servir, sobretudo, para dar largas a um imperialismo econômico e a uma política expansionista que resultaria apenas em benefício próprio.

O mesmo já se pode vislumbrar na conduta da China, outra grande nação em busca de territórios para os oitocentos milhões que a habitam.

O que se não pode negar, entretanto, é que, mesmo sem a orientação e apoio destas duas nações líderes do movimento comunista, mesmo sem elas, o inconformismo, a agitação e o protesto violento continuarão a se processar em tôdas as áreas do Globo onde persistam a miséria social e a econômica.

Uma das vozes mais autorizadas da política exterior dos Estados Unidos, o senador William Fullbright, em discurso há dois anos pronunciado no Senado americano, discurso enfiado, com outros, em seu livro — *Velhos Mitos e Novas Realidades* —, dizia textualmente: "Se Cuba desaparecesse amanhã das águas do mar das Antilhas, e se Moscou retirasse milagrosamente do Hemisfério Ocidental todos os seus agentes, a maior parte da América Latina continuaria apesar disso agitada pela inquietação, pelo radicalismo e pela revolução."

É que sentimos com inequívoca certeza que onde houver a pobreza degradante, a espoliação e a injustiça social, haverá sempre uma luta em gestação.

Estes novos *fronts* que a conscientização das massas ergue dentro de cada país subdesenvolvido e em todos os recantos do mundo onde houver caldo de cultura para reivindicações violentas, haveria de gerar um conceito nôvo de segurança.

Trata-se de inimigo que só se pode enfrentar com êxito através do progresso social e econômico, combatendo a miséria e dando às massas oportunidades de vida digna e produtiva, numa palavra, realizando o *desenvolvimento* — o qual não deve ser monopólio dos regimes de esquerda, mas que pode e deve ser realizado dentro das normas democráticas de ação, valorizando "todos os homens e todo o homem," na sábia e feliz expressão de Lebreton.

Esse conceito atual de segurança expressou-o muito bem uma das grandes figuras de estadista do Ocidente, Robert McNamara, em livro recente. O ex-ministro da Defesa dos Estados Unidos e atual Presidente do Banco Mundial, com a responsabilidade de quem já dirigiu com alta eficiência a maior máquina militar do mundo e da História, que é como êle denomina o Departamento de Defesa americano, não hesitou em afirmar que o combate interno à injustiça social é maior fator de segurança que a vitória contra inimigos externos tradicionais. E proclama com entusiasmo que só o desenvolvimento através da educação é que poderia, em definitivo, estabelecer a vitória permanente e trazer ao mundo a paz que êle tanto ambiciona e sem a qual tôdas as conquistas da civilização e a própria sobrevivência da humanidade correm permanente perigo face à ameaça de uma hecatombe nuclear.

Sem desenvolvimento não há segurança, e sem educação é impossível o desenvolvimento.

Eis o dramático e eloquente desafio dos nossos dias. Meus jovens alunos.

Dirijo-me, principalmente, àqueles que hoje transpõem os portões desta Casa onde há oitenta anos já se fazia da educação um instrumento a serviço do Brasil.

Ser aluno de um colégio de elite é hoje, infelizmente, uma aspiração que muitos acalentam e bem poucos conseguem realizar.

Alegrai-vos de haver conseguido essa vitória, e meditaí no que ela representa como responsabilidade e compromisso para com a Nação e a coletividade brasileiras.

Há dezenas de anos ingressaram em Colégios Militares, homens que atingiriam os mais altos postos na direção deste País. Humberto Castello Branco, Artur da Costa e Silva, Aurélio de Lyra Tavares entre tantos outros, fizeram seu curso nos Colégios de Pôrto Alegre e Rio de Janeiro.

Nada impede que dentre vós, que hoje aqui ingressais, se encontrem alguns que chegarão a posição de realce na vida nacional.

Para bem servir a uma Nação não é preciso entretanto ser Presidente da República ou Ministro de Estado; todos temos a obrigação de servi-la em qualquer posição em que nos encontremos.

Mas na civilização tecnológica que vivemos, só através da cultura alicerçada no estudo perseverante e ordenado podereis prestar o máximo de contribuição que de vós espera o povo brasileiro. Somos hoje, condenados a estudar ou a desaparecer.

Só através dos conhecimentos adquiridos no estudo, só através da educação, do respeito à ordem, da dedicação aos interesses da Pátria e da coletividade, podereis adquirir a capacidade para discernir e a coragem para optar, que são as qualidades mestras sem as quais não se vence na vida e não se lidera sequer a si próprio.

Os vossos chefes, os vossos professores e instrutores não têm outro objetivo que o de bem cooperar na formação da vossa personalidade para que possais ser úteis a vós próprios, à família e, sobretudo, ao Brasil, pois quaisquer que sejam nossas preocupações e interesses pelo bem-estar da humanidade, o conceito da Pátria permanecerá, e não devemos permitir que ele pereça.

É grande e oneroso o esforço que realiza o Exército para vos proporcionar esta oportunidade de freqüentar um colégio que se preza de bem cumprir a sua função de ensinar e educar. É preciso que, de vossa parte, esse esforço seja correspondido.

Procurai na grandeza do Brasil o exemplo constante para a grandeza dos vossos gestos e das vossas atitudes.

E tomal como lema estes versos do grande poeta nacional, o mais nacionalista dos nossos poetas, e que parecem ter sido escritos para vós neste momento:

"Criança não verás país nenhum como este;

Imita na grandeza a terra onde nasceste!"